

**"A NAÇÃO BRASILEIRA
AO IMIGRANTE"**

APMCS PM 17.10.02.02.03

**CONSTRUÇÃO DE UM REFERENCIAL
PARA CAXIAS DO SUL**



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL
JOÃO SPADARI ADAMI
CAXIAS DO SUL - RS

Promoção: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul
Secretaria Municipal da Educação e Cultura
Museu e Arquivo Histórico Municipal

Realização: Museu e Arquivo Histórico Municipal

Textos: Anelise Cavagnolli
Eliana Rela Alves

Pesquisa: Anelise Cavagnolli
Eliana Rela Alves
Jovita Galeão dos Santos

Seleção de material: Anelise Cavagnolli
Eliana Rela Alves

Revisão: Tânia Maris de Azevedo

Diagramação: Ana Rita Bertocchi
Eliana Rela Alves

Foto da Capa: Grupo de bronze integrante do Monumento Nacional ao Imigrante. Obra do escultor Antonio Caringi. Época: 1953. Doação: Coleção Júlio Eberle. Fotógrafo: Não-Identificado. Acervo: Arquivo Histórico Municipal.

Serviços Gráficos: Gráfica da UCS

Tiragem: 2.000 exemplares

Distribuição Nacional



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL
JOÃO SPADARI ADAMI
CAXIAS DO SUL - RS

A cidade de Caxias do Sul surgiu a partir de uma organização espacial previamente estabelecida, integrando o rural e o urbano, abrigando diversas etnias em sua formação. Foram italianos, lusos, alemães, espanhóis, franceses e indígenas, que deixaram marcas e influências.

Filtrando comportamentos, atitudes e linguagens, prevaleceu, entre diferenças e desigualdades, a cultura italiana. Esta generalizada e aceita, por longo período, como única responsável pela ocupação e modernização desse espaço.

A legitimação desse pensamento cristalizou atitudes na mentalidade e no cotidiano caxiense. Desenvolvemos o dom pelo trabalho quase compulsivo. Os homens de enxada na mão e as mulheres suas companheiras, junto à terra, à casa, à mesa, à cama e à prole. Extensa prole; quanto mais filhos, melhor. Garantia-se, assim, um futuro promissor em mão-de-obra.

Da idéia de colonização e da necessidade de progresso, o que não ficou cristalizado no discurso diário de cada um, ficou materializado no bronze, na pedra e no mármore do Monumento Nacional ao Imigrante.

Esse Monumento, dedicado pela nação brasileira a todos os imigrantes que, sem distinção étnica, se lançaram nesta terra, é um conjunto de símbolos da fé do imigrante, das relações político-econômicas do Brasil com outras nações e do ideal de progresso de uma região.

Passadas quatro décadas, ao comemorarmos os 40 anos de construção do Monumento Nacional ao Imigrante e o reconhecimento nacional aos pioneiros, Caxias do Sul precisa retomar o significado histórico desse monumento e conceder-lhe, por merecimento, uma nova lei: a de tombamento como patrimônio histórico e artístico da cidade.



MONUMENTO NACIONAL AO IMIGRANTE: A HISTÓRIA DE UMA IDÉIA

Durante o planejamento das atividades em comemoração ao 75º aniversário da colonização italiana no RS, em janeiro de 1949, era lançada a idéia da construção de um monumento em homenagem aos colonizadores. Na ocasião, Luiz Compagnoni, através da Rádio Caxias, tornava pública a idéia e relatava sua concepção do monumento. Uma concepção que, conforme ele, possuía variantes, mas parecia sair direto das histórias e das memórias dos mais velhos. No grupo principal de esculturas, "(...) um casal de pioneiros. Jovens, corajosos, resolutos. (...) acompanhados por um filho".¹ Pensava-se, ainda, em acrescentar à imagem principal utensílios domésticos e agrícolas, animais domésticos e até feras.

Era concebida a representação de nosso imaginário sobre a imigração, a qual continha simbolismos até hoje significativos: o pioneirismo traduzido no trabalho transformador do meio.

Ainda em 1949, era instalada – como subcomissão da Comissão Central que organizava os trabalhos e as atividades em comemoração ao aniversário da imigração italiana – a Comissão pró-Monumento, encarregada do recolhimento de fundos para a construção e da discussão das diferentes concepções em torno do mesmo. Da diretoria participavam: Luiz Compagnoni, Tte. Artemin Karan, Pe. Ernesto Brandalise, Cap. João Evangelista Mendes Rocha, Elvio Marcon, Duilio Gianella e Reinaldo De Carli, acompanhados por um Conselho Consultivo.

No início dos trabalhos dessa diretoria, surgem as primeiras divergências. A idéia de homenagear, exclusivamente, os imigrantes italianos era combatida pelo Comandante do 9º Batalhão, Cap. Evange-

(1) ADAMI, J. S. *História de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: Tip. São Paulo, 1966, p. 221.



lista Mendes. Acreditava ele ser fundamental, nesta homenagem, acrescentar o descendente luso, o índio, o negro, elementos pioneiros formadores da nação brasileira. Nas palavras do capitão, "(...) homenagem igual ou maior merece a Nação que o amparou, que o recebeu materialmente, oferecendo assim o exemplo de que o preconceito de raça não tem guarida neste grande país (...)".² A discussão estendia-se para terminar na definição do elemento que representava a fusão de diferentes raças e, ao mesmo tempo, significava um laço de união entre a Itália e o Brasil, representado, naquele momento, pelo pracinha – o soldado brasileiro integrante das forças aliadas durante a II Guerra Mundial.

Aquela proposta, no entanto, não obteria dentro da diretoria, uma aceitação fácil. As divergências tornar-se-iam públicas, após o pedido de demissão do capitão da Comissão pró-Monumento, alegando boicote e falta de oportunidade em discutir, amplamente, sua concepção do Monumento. Suas críticas à conduta daquela diretoria seriam veementes no texto de sua carta aberta, na qual eram feitas acusações de racismo e denúncias do interesse econômico de alguns em detrimento da nacionalização do monumento. Aceito o pedido de demissão, a comissão movia um processo judicial contra o Comandante do 9º Batalhão, acusando-o de delito de injúria.³

O caso suscitava diferentes opiniões. Na imprensa da época, defendia-se um monumento destinado, exclusivamente, a homenagear o imigrante italiano. Afinal, argumentavam se "(...) o Monumento deve gravar para a posteridade a memória de quem colonizou esta região; se deve perpetuar o culto dessa epopéia, só o merecem os realizadores da epopéia, só o merecem os imigrantes. Por outro lado, que relação direta tem o heroísmo de nossa força expedicionária (...) com a colonização do Brasil?"⁴ Em contrapartida, argumentavam os opositores ser tudo o que se via, então, produto da cooperação entre as etnias, especialmente da luso-brasileira. Chegava a hora de pagar a dívida de gratidão para com o Rio Grande e "(...) com os pró homens da distanciada época, doando como doaram, aos imigrantes, a mais ubérrima zona agrícola (...)".⁵ Novamente era feita alusão aos interesses

(2) ADAMI, 1966, p. 230.

(3) Id., p. 229-234.

(4) Jornal **O Momento**. Caxias do Sul: 30 jul., 1949.

(5) Jornal **O Momento**. Caxias do Sul: 06 ago., 1949.



individuais de integrantes da comissão, nesse caso, eleitores, na construção do Monumento.

Com isso vinham à tona questões antigas, envolvendo posturas político-autoritárias integradas na formação de toda uma geração. Paralelamente, o discurso nacionalista e democrático fortalecia-se desde o fim da guerra, repudiando toda e qualquer forma de sectarismo e embaçando o projeto nacional de desenvolvimento.

Em janeiro de 1950, o capitão Evangelista Mendes era absolvido por unanimidade. A repercussão do resultado do processo foi a demissão coletiva dos membros da Comissão pró-Monumento. A decisão do júri foi interpretada como uma desautorização da orientação que presidia os atos da comissão. A direção dos trabalhos pró-Monumento era entregue à Comissão Central dos festejos do 75º aniversário da imigração italiana.

No mês seguinte, era composta uma nova Comissão, da qual participavam o deputado Luiz Compagnoni, Dr. Paulo Tollens, Luiz Napolitano (representante em Caxias do Sul do jornal Diário de Notícias), Américo Garbin, Humberto Bassanesi, Reinaldo De Carli, entre outros. Integrando os festejos da Festa da Uva de 1950, foi feita a colocação da pedra fundamental no local onde seria erguido o monumento. Para por fim aos conflitos, uma coroa de flores foi colocada sobre a pedra, acompanhada do discurso do Tenente Coronel Arcy Rocha Nobrega, em nome da guarnição federal em Caxias do Sul. Ele fazia alusões "(...) aos tropeços, incompreensões, invejas (...)",⁶ quando surgiam iniciativas como esta à construção do Monumento próximo à Estrada Federal, na entrada da cidade.

O lançamento da pedra fundamental do Monumento durante um evento de caráter nacional – naquela que talvez tenha sido uma das maiores Festa da Uva –, contando com a presença de autoridades como o Presidente da República, o Governador do estado e outros, oferecia apoio e legitimidade àquela iniciativa, o que seria fundamental para a posterior atividade de coleta de fundos para sua construção. Este, aliás, foi o objetivo da "Campanha pró-Monumento ao Imigrante", realizando uma série de visitas a empresários, comerciantes e outros profissionais, prefeituras e instituições de diferentes cidades, na busca de contribuições financeiras. Neste trabalho, foram auxiliados e

(6) Jornal **O Pioneiro**. Caxias do Sul: 25 mar., 1950.



acompanhados pela "Caravana Associada", formada por redatores, locutores e fotógrafos do jornal Diário de Notícias e das rádios Farroupilha e Difusora. O propósito dessa atividade era o envolvimento dos municípios do estado do Rio Grande do Sul na construção do símbolo aos pioneiros da imigração.⁷ O Monumento tinha sua amplitude modificada. Tornava-se uma homenagem aos imigrantes que, independentemente de nacionalidade, povoaram e colonizaram o estado e o país.

O apoio começava a vir de diferentes locais. No Congresso Nacional, discursos eram proferidos em defesa da idéia; no meio empresarial, surgiam contribuintes. Sensibilizando cada vez mais pessoas, era necessário criar um sistema de coleta para administrar os fundos. Surgia um regulamento que ordenava a coleta; os recursos eram depositados em conta bancária movimentada pelo presidente e pelo tesoureiro da comissão. As contribuições podiam ser realizadas à vista ou mediante a assinatura de "carta-compromisso", integralizada no prazo de dois anos. Foram criadas categorias de contribuintes, qualificadas de acordo com o valor das doações. A menor contribuição era de um mil cruzeiros, chegando ao valor de cinqüenta mil cruzeiros. Superior a este, o doador era qualificado como "Grande Benemérito". Todos, sem considerar categorias, seriam homologados com diplomas correspondentes à respectiva doação e teriam seus nomes inscritos na cripta do Monumento ao Imigrante.⁸

Ainda em 1950, acontecia a premiação dos vencedores do concurso de maquetes do Monumento. Em primeiro lugar, o projeto "Nova Pátria" do escultor Antonio Caringi; em segundo, Pietro Cescon e, por último, André Arjonas.

A execução do projeto ficou a cargo do construtor licenciado Silvio Toigo, acompanhado pelo mestre-canteiro José Zambom, que se incumbiu da direção dos trabalhos de cantaria sobre o granito utilizado no Monumento. Coube ao artista Tito Bettini as obras de fundição do conjunto de bronze esculpido por Antonio Caringi.

As obras iniciaram em junho de 1951, conforme o contrato de locação de serviços efetuado entre a Comissão Executiva do Monumento e Silvio Toigo. Quando foi inaugurado, em 1954, a cripta não tinha suas paredes revestidas com mármore branco. Esse trabalho seria efetuado em 1955.

(7) Jornal **Diário de Notícias**. Porto Alegre: 11 abr., 1950.

(8) Jornal **Diário de Notícias**. Porto Alegre: abr., 1950.





Celebração da missa por ocasião da inauguração do Monumento Nacional ao Imigrante. Época: 1954. Fotógrafo: Geremia. Acervo: Arquivo Histórico Municipal.

O MONUMENTO E SEUS SÍMBOLOS

Cada parte que compõe o conjunto desse Monumento foi pensada, projetada e arquitetada segundo as idéias que fundamentaram o processo imigratório, não apenas o regional, mas, principalmente, o nacional.

O casal de imigrantes foi o grande marco dos símbolos. Não por seus cinco metros de altura, nem pelos seus 2.920 quilos. Os homens que o projetaram pensaram em conferir-lhe grandiosidade também nos traços da imagem, através dos quais o vigor e o espírito resolutivo, caracterizavam o homem imigrante, contrastando-os com os da mulher, que foram pensados para representar a renúncia e o espírito de sacrifício, valores morais, que deveriam ser consagrados no bronze.⁹

Outro símbolo, a Cripta, localizada abaixo do grupo escultórico e com cerca de 250 m² de área, teve seu chão e suas paredes revestidas de mármore branco, oferecido pelo governo italiano como forma de agradecimento pelo pacto de imigração ocorrido entre as duas nações. A princípio, o projeto previa a ocupação da cripta como Museu da Imigração. Nele ficariam expostos objetos pertencentes a pioneiros da colonização, bem como documentos históricos.¹⁰

Na porta da cripta, os símbolos representavam Luiz Antonio Feijó Júnior (um dos agentes da imigração), recebendo uma família de colonizadores. Para completar esta simbologia, os versos de Cassiano Ricardo.

(9) Jornal **O Pioneiro**. Caxias do Sul: 27 fev., 1954.

(10) Id. ib.



*"Ó Louro imigrante
que trazes a enxada ao ombro...*

*Sobe comigo a êste píncaro
e olha a manhã brasileira
que nasce, por dentro da serra,
como um punhado de côres
jogado da terra!*

*O meu país
é todo um rútilo tesouro
nas tuas mãos,
e a semente que aqui plantares
será de ouro
no chão de esmeralda.*

*E terá, sôbre o solo bravo,
aberto em flôr,
a sensação, a graça,
de um descobridor!"¹¹*

Assim como um mosaico, cada cor faz sua parte na composição da arte, cada palavra do poema, perpetuado no metal, fez e ainda faz sua parte na leitura que cada um deve fazer sobre a imigração.

Outra faceta, plena de significações, é o obelisco (monumento quadrangular em forma de agulha piramidal). Seus relevos ali foram colocados para representar o marco temporal – 1875 – início da colonização itálica no Rio Grande do Sul, devendo-se lê-los de baixo para cima. Nesta ordem, o primeiro representa a chegada dos imigrantes, o segundo ou o do centro retrata a vitória do imigrante pelo trabalho e o último representa a integração do imigrante ao espírito da Pátria (homenagem à Força Expedicionária Brasileira).¹²

O projeto original previa a construção da Praça dos Imigrantes no entorno do Monumento, localizada em uma área de 150 metros de frente por 200 metros de fundo. À frente seria a Estrada Federal e teria como centro o Monumento.

(11) Jornal **O Pioneiro**. Caxias do Sul: 27 fev., 1954.

(12) Id. ib.



O projeto da Praça dos Imigrantes foi elaborado pelo arquiteto francês, Prof. Roberto Lacômbé. Um projeto arrojado, que pretendia conter homenagens dos estados brasileiros ao imigrante e de várias colônias estrangeiras aos descendentes de seus antepassados pioneiros.¹³



Detalhe do painel "O progresso pelo trabalho dos imigrantes". Trabalho do escultor Antonio Carangi. Época: 1953. Fotógrafo: Não-identificado. Acervo: Arquivo Histórico Municipal.

(13) Jornal **O Pioneiro**. Caxias do Sul: 27 fev., 1954.

Embora o projeto arquitetônico não tenha sido integralmente cumprido, um outro projeto foi consolidado. Repleto de simbolismos, espia todos os dias os valores de vigor, espírito resoluto, renúncia e sacrifício. Valores estes tatuados pela cicatriz da imigração, nos homens e mulheres que aqui habitaram e ainda habitam.

Ao se fundir o casal de imigrantes, na Metalúrgica Abramo Eberle S.A., sob a direção de Tito Bettini, representava-se, também, o doloroso ato de forjar um novo espaço às novas relações e, acima disso, forjar novas mentalidades.

No dia 09 de janeiro de 1954, o jornal Pioneiro publicou a experiência viva de um casal de imigrantes, levado até às oficinas de fundição para observar as estátuas do Monumento. Luigi Zanotti, então com 80 anos, tirou respeitosamente o chapéu e perfilou-se, deixando de lado a bengala, permaneceu silencioso. Henrica Zanotti, 79 anos, observou a estátua da mulher com a criança nos braços. Viu o rosário, e não se conteve, tirou o lenço e enxugou as lágrimas. Lembranças antigas percorreram sua memória. O Monumento tinha algo de vivo, de impressionante. O casal de imigrantes, fundido no bronze pelo mestre Tito Bettini, e o casal de imigrantes Luigi e Henrica Zanotti, revelam-nos, na história silenciosa, construída a cada metro e a cada minuto, uma identidade que marcou e permitiu o próprio reconhecimento.

A concretização da obra que lançaria as bases da identidade local necessitou da contribuição de vários setores da sociedade e, também, da contribuição do governo federal. Este, já havia inaugurado a Estrada Federal e, no ano de 1954, no dia 28 de fevereiro, o Presidente da República, Getúlio Vargas, inaugurava o Monumento que ajudou a construir.

Em seu discurso, Vargas enfatizou a importância ali representada. A homenagem aos "(...) homens fortes e desassombrados, lutadores intrépidos, que superaram todas as vicissitudes de seu ajustamento ao meio novo (...)".¹⁴ Anunciava, ainda dentro desse espírito, a elaboração do projeto, criando o Instituto Nacional de Imigração e Colonização consubstanciado na Lei nº 2.163, de 05 de janeiro de 1954.

(14) Jornal **O Pioneiro**. Caxias do Sul: 06 mar., 1954.



Havia-se chegado a um momento da política da imigração, no qual não se podia mais esconder os seus tortuosos caminhos, bem como suas cicatrizes. Para sanar os problemas daquela política, ao Instituto Nacional de Imigração e Colonização caberia "(...) assistir e encaminhar os trabalhadores nacionais imigrantes de uma para outra região do país; orientar e promover a seleção, entrada, distribuição e fixação de imigrantes; tratar e executar direta e indiretamente o programa nacional de colonização, tendo em vista a fixação de imigrantes e proporcionar aos nacionais acesso à pequena propriedade agrícola".¹⁵ O Monumento Nacional ao Imigrante encerrava uma parte da história daquela política de imigração.

(15) Jornal **O Pioneiro**. Caxias do Sul: 06 mar., 1954.



HOMENAGEM NECESSÁRIA

Os movimentos migratórios buscam, através de um contrato informal, a resolução de problemas contraditórios. O que representa excesso para determinado local, apresenta-se como alternativa para aquele que está em carência.

Os homens que, anonimamente, deixaram seu país de origem, assumiram naquele contrato a responsabilidade de aliviar um problema presente em suas nações e solucionar, duplamente, outra questão: buscar uma maior segurança para si e fazer frutificar uma outra terra, quer de modo social, político, econômico ou cultural.

Em 1958, o Monumento Nacional ao Imigrante foi o objeto que assinalou, também de forma política, a formalização do contrato ocorrido entre partes interessadas nos processos de imigração. No dia 11 de setembro daquele ano, a Comissão Executiva do Monumento endereçou ofício ao Cônsul da Itália no Rio Grande do Sul, agradecendo a doação do mármore de Carrara a ser utilizado nas obras da cripta do Monumento.

Esta foi a segunda remessa de mármore, contendo vinte e dois blocos com dezenove metros cúbicos no total. A primeira remessa era composta de sete blocos com dez metros cúbicos. O total geral de vinte e nove blocos de mármore foi a contribuição do governo italiano para as obras do Monumento Nacional ao Imigrante. Os jornais da época enalteciam a “(...) compreensão e o gesto do Governo da Itália para o Monumento Nacional, obra de reconhecimento da Nação Brasileira aos bravos imigrantes que ajudaram a construir o progresso deste solo (...)”.¹⁶ Passadas algumas décadas, podemos perceber o significado histórico daquele gesto.

(16) Jornal **O Pioneiro**. Caxias do Sul: 20 set., 1958.



Como parte das relações políticas entre Brasil e Itália, Caxias recebia, em setembro de 1958, a visita do presidente da Itália, Giovanni Gronchi. A visita possuía dois objetivos distintos. Um deles envolvia o seu aspecto emocional, no gesto de Gronchi ao depositar flores no Monumento, a aparente consagração do velho colono, e de sua virtude e da sua firmeza de propósitos. O outro objetivo estava assentado sobre as vantagens provenientes dos acordos firmados quer para um, quer para outro país.¹⁷ A expectativa era de que “(...) os estadistas das duas pátrias soubessem recolher desta excepcional visita os frutos que dela se esperavam”.¹⁸

Caxias e o Rio Grande do Sul foram palcos de um bem planejado acontecimento político, no qual o uso da emoção confundiu-se com a lembrança dos resultados obtidos em um contrato bilateral.

O Monumento Nacional ao Imigrante, após ser coroado pelas flores depositadas por Gronchi, pelas contribuições orçamentárias dos poderes públicos municipal, estadual e federal e pelo trabalho articulado de políticos e empresários locais, deixou para Caxias um bloco escultural, pleno de simbolismos, atestando, ao mesmo tempo, o trabalho que oportunizou uma das engrenagens do progresso econômico e a materialização da identidade local.

Velhos e novos imigrantes agora são passíveis do reconhecimento oficial que, segundo o estado, havia oportunizado aos imigrantes de todas as nacionalidades uma nova pátria.

Superadas as dificuldades, quer dos pioneiros que abriram o processo de colonização em todos os espaços, quer dos empreendedores do Monumento Nacional ao Imigrante, a força da lei o transformou em permanente homenagem. Durante uma década ele foi motivo de convites, visitas significativas, local de realização de cerimônias cívicas e ponto obrigatório para visita.

Atualmente, em sua área interna, há um espaço museológico. Ali foi instalada, em 1987, a exposição Uva & Vinho – Traços de Uma História, sob a responsabilidade do Museu e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. A exposição está perfeitamente integrada ao Monumento e identificada como parte dele. Este, por sua vez, é reconhecido como um dos principais pontos de referência na cidade. Fi-

(17) Jornal **O Pioneiro**. Caxias do Sul: 13 set., 1958.

(18) Id. ib.

gura como ponto turístico e referencial ao lado de espaços como o Museu Casa de Pedra e a Igreja de São Pelegrino.

Integrado à paisagem urbana, o Monumento, como assim o denominamos, está incorporado a nossa mentalidade. Para alguns de nós, acostumados a sua presença, ele sempre esteve ali, com seu olhar largo e distante, como quem, outra vez, está à procura de terras distantes. Talvez este seja, também, o nosso olhar.



**120 ANOS DA COLONIZAÇÃO ITALIANA
NO RIO GRANDE DO SUL**



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL
JOÃO SPADARI ADAMI
CAIENES DO SUL - RS